

O CÉU É O LIMITE: A EDUCAÇÃO ESCOLAR DA ELITE CARIOCA NOS ANOS 1950

CHAVES, Miriam Waidenfeld* – UFRJ

GT-14: Sociologia da Educação

As pesquisas no interior do campo da Sociologia da Educação têm nos surpreendido na medida em que a perspectiva cultural continua apontando novas formas de compreensão sobre a escola, que, neste caso, não seria mais vista apenas como instância produtora da força de trabalho qualificado.

As novas leituras indicam que as investigações acerca do sucesso/fracasso escolar devem considerar tanto a quantidade de capital cultural acumulado pelos grupos sociais investigados quanto o conjunto de valores implícitos ou explícitos que estes mesmos grupos produzem de acordo com a sua posição social (Bourdieu, 2002, p. 39).

Este trabalho, apesar de vincular-se a uma pesquisa que se encontra no campo da História da Educação que tem como foco de análise os impressos pedagógicos de três tradicionais escolas católicas do Rio de Janeiro durante os anos 1920/1950, filia-se a um tipo de investigação sociológica que, principalmente, a partir dos anos 1990, tem procurado discutir a respeito do sucesso escolar no interior das elites tanto econômicas quanto culturais (Nogueira, 1991 e 2003; Almeida, 1999 e Brandão, et al 2005).

Toma como referência a revista “A Vitória Colegial”, publicada pelos alunos do curso secundário do Colégio Santo Inácio¹, nos anos 1950. Dividido em três partes, enquanto na primeira faz-se uma consideração acerca da filiação do texto e seu diálogo com a Sociologia da Educação, na segunda é mostrado como a revista mantinha-se conectada aos acontecimentos sócio-culturais da época, inserindo seus leitores nas discussões daquele momento. Na última parte, tem-se como objetivo ressaltar que as estratégias editoriais e de escrita do impresso procuravam reforçar a idéia de que a escola formava uma elite social e cultural cuja auto-imagem se constrói com base em uma escritura que reforça a crença no sucesso e na excelência de suas vidas tanto escolar quanto familiar.

Cabe ainda salientar a importância da década de 1950 para os estudos sócio-históricos sobre a escola. Neste período a educação encontra-se no centro das discussões políticas do país, tornando-se inviável pensar-se um projeto nacional sem um projeto educacional; questão que a partir daquele momento em diante reduz-se a um

* O presente texto refere-se aos primeiros resultados de análise da pesquisa.

¹ Os demais impressos são: “Ecos” do Colégio São José e “A Alvorada” do Colégio de São Bento

simples conflito de interesses entre tecnocratas, donos de escolas, professores e estudantes (Schwartzman et alli, 2000, p. 281 e 282).

1- História e Sociologia da Educação: um diálogo produtivo

As relações entre História e Sociologia têm se constituído a partir de um diálogo bastante fértil que tem servido para o desenvolvimento de ambas as Ciências Sociais (Burke, 1980; Braudel, 1992 e Elias, 1993). Indicam-nos que esse tipo de abordagem permite resultados que procuram combinar certa generalização do fenômeno social investigado com a necessidade de se ressaltar algumas de suas próprias diferenças e particularidades (Burke, p. 9).

Nesse caso, esta pesquisa, ao analisar os valores, comportamentos e atitudes que exalam das páginas dos impressos, procura não esquecer que estes, apesar de se comporem a partir de uma especificidade que é definida pela vontade de certos indivíduos ou grupos de indivíduos que os escrevem/lêem, também se encontram conectados a uma estrutura histórica social que os determina.

Ao mesmo tempo em que seu discurso (Bourdieu, 1996, p. 85) indica um maior ou menor grau de independência de quem escreve/lê as revistas, também pressupõe certa determinação imposta tanto pelas características sócio-culturais da época em que os impressos foram produzidos quanto pelas especificidades de cada ordem religiosa a que se vincula cada impresso de cada escola. Ou seja, esta perspectiva intermediária passa a compreender as revistas enquanto uma territorialidade cultural que se embasa em uma percepção precisa dos indivíduos, dos grupos de indivíduos, da vida social e da relação entre normas e comportamentos.

Persegue-se, então, uma outra maneira de construção do social. Mais exatamente aquela que tenta entender o dilema clássico da sociologia (Elias, 1994) - optar por análises que privilegiam ora o indivíduo ora sociedade – a partir da própria relação *entre* essas duas mesmas instâncias sociais: dar às experiências vividas pelos autores dos artigos - alunos, professores, reitores, diretores e ex- -alunos – um destaque que, entretanto, só pode ser levado à cabo caso ainda se considere a posição social que cada indivíduo ou grupo de indivíduos ocupa no interior da configuração social em que se encontram (Elias, 1999, p. 140). E, nesse caso, os autores dos artigos passam a ser entendidos não como meros indivíduos isolados no interior da escola, mas como alguém que compõe grupos diferenciados com diferentes propósitos em relação à escola; pressupondo experiências e escritas também diferenciadas.

Além dessa perspectiva sociológica, as revistas confirmam uma hipótese bastante familiar para a Sociologia da Educação: a idéia de que as escolas católicas, algumas centenárias, formam parcela significativa de nossa elite nacional que, mais tarde, irá ocupar os postos de direção da nossa sociedade. Através da eficácia de seu trabalho pedagógico, produzem a crença de que seus alunos se constituem enquanto um grupo de alunos restrito, aparte dos demais grupos de alunos, que, por compartilhar dos mesmos valores, experiências e redes de amizades, criam para si uma imagem de excelência que ainda é reforçada pela crença em suas qualidades intrínsecas.

A cultura religiosa e a valorização do passado garantem a fermentação desse conjunto de valores que se estruturará na base da formação desse grupo de alunos. Estes valores são acionados pelos ex-alunos que se convertem em exemplo para os ainda alunos do que poderão vir a ser no futuro; homens de “destaque” na nossa sociedade:

Guardamos fielmente a recordação muito grata dos nossos antigos alunos e de várias fontes recebemos informações agradáveis sobre eles... Muitos conhecemos que ocupam lugares de destaque e cargos de responsabilidade na sociedade (Revista Echos, 1929, p.25).

Um outro aspecto da educação católica refere-se à valorização do trabalho intelectual, competência, inclusive, necessária para a formação das elites:

Não pensarás, estou certo, que se mencionam aqui todas as regras a que deve obedecer ao trabalhador intelectual. Mando-te apenas as fundamentais, donde decorrem ou que inspiram muitas outras que o operário intelectual descobrirá sem intervenção de conselheiros.

Daí a primeira regra: ler (A Alvorada, jun/jul, 1932, p. 56).

Os artigos ainda nos informam que além da educação religiosa e da formação intelectual, os colégios católicos investigados se preocupam em consolidar em seus alunos o que de melhor existiria na “alta cultura”. Seu ensino compunha-se de uma base geral que enfatizava, além da religião, a necessidade da aprendizagem da língua portuguesa, da literatura, da filosofia e da ciência.

Na “A Vitória Colegial”, os artigos “O teatro”, “Molière e o teatro Francês” e “Machado de Assis” junto com “O Brasil na era da aviação a jato” e “A verdade sobre a corrida do espaço” mostram como o colégio procurava mesclar em sala de aula o ensino de uma cultura dita “desinteressada” com um tipo de conhecimento de base científica em uma tentativa de manter a conexão entre o passado, lugar da tradição, que não deve ser esquecida, e o futuro, lugar do progresso e do desenvolvimento.

Portanto, estes elementos originalmente próprios das pesquisas históricas transformam-se em pistas para um melhor entendimento a respeito da relação entre sucesso escolar e grupos dirigentes, tema candente da Sociologia da Educação atual.

2- Qual a cor dos anos dourados? ²

Apesar de a reflexão acadêmica propor um questionamento sobre o mito dos “anos dourados”, este período ficou conhecido como sendo um tempo de grande atividade cultural. Esta idéia torna-se ainda mais forte caso se encontre associada a um projeto de crescimento e modernização econômica que junto a um determinado modelo educacional garantiriam a entrada do Brasil no rol dos países desenvolvidos.

Estes “bons tempos” que nos fizeram acreditar que vivíamos momentos de esperança, otimismo e liberdade (Bomeny, 1991, p. 144) foram marcados pelos governos nacionalistas, com fortes doses de populismo, de Vargas e, principalmente, de JK que muito contribuíram para o fortalecimento dessa imagem³.

Sobretudo a partir dos anos JK, a proposta de que o desenvolvimento econômico se estabelecesse junto com o desenvolvimento político termina por associar um Brasil “moderno” a um Brasil “democrático” (Gomes, 1991, p.3). E a sociedade brasileira, cada vez mais diversificada, permite a elaboração de um tipo de análise sociológica que procura romper com o ciclo de atraso vivido por nós até aquele momento.

O Rio de Janeiro, capital do país desde 1763, sofre de maneira direta a influência desse “clima” e seus espaços sociais, culturais e educacionais são impregnados por essa atmosfera que fabrica uma série de ícones que atravessam algumas décadas e acabam por emoldurar o período em questão.

Sede da Rádio Nacional, do teatro de revista, do cinema novo, da bossa nova e da música de protesto, irradia para a nação um clima de euforia devido ao fim do Estado

² Título da Introdução escrita por Ângela de Castro Gomes para o livro “O Brasil de JK”, por ela organizado e publicado em 1991 pela FGV:

³ Cabe ressaltar a diferença entre cada um dos projetos nacionalistas na medida em que o nacionalismo de Jk se constituiria com a forte presença do capital estrangeiro.

Novo e da Segunda Guerra e de protesto resultante das novas percepções sobre a nossa história. Se através das plumas e paetês das nossas vedetes e, mais tarde, da bossa nova celebra-se a alegria, em 1955, Néelson Pereira dos Santos, com o filme “Rio 40’”, cuja canção, de Zé Kéti, “Voz do Morro”, transforma-se na cara de um novo Brasil que se quer conhecer, contribui para a consolidação de uma vertente crítica da nossa cultura e que parcela da intelectualidade carioca ajuda a criar.

Essas múltiplas manifestações culturais impulsionam a transformação social ao mesmo tempo em que se tem modificado os comportamentos e atitudes tanto das instituições quanto dos grupos de indivíduos que por elas transitam. A Igreja, por conseguinte, percebe a necessidade de repensar a sua missão (Mainwaring, 2004, p. 33) e os colégios católicos se vêem obrigados a alterar alguns pressupostos de sua pedagogia.

Essa prática pode ser percebida através da forma como a Igreja lida com a relação entre ciência e fé. Ao acreditar que a universidade, destino natural de seus ex-alunos, só cumprirá a sua função caso esteja atrelada aos princípios cristãos, resolve criar, em 1941, no Rio de Janeiro, uma universidade católica para assim garantir a continuidade da formação da juventude católica carioca segundo os moldes da pedagogia católica.

Os artigos das revistas abaixo transcritos revelam um pouco sobre esta questão. Se o primeiro deles, “A química nos tempos pré-históricos”, mostra a universidade enquanto um espaço que ameaçaria os colégios católicos que, após anos de uma competente ação pedagógica, poderiam ver seu trabalho destruído, fruto da influência “negativa” do ambiente universitário, o segundo, “Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro”, indica a solução do problema por meio da fundação das Faculdades Católicas, hoje, Pontifícia Universidade Católica, nas instalações do próprio Colégio Santo Inácio,

A maioria jactanciosa como costuma ser os homens de meia ciência, julga inútil a discussão no terreno das altas cogitações...

È preciso que os nossos moços pisem na Universidade com a convicção de que a Ciência que vão estudar não obscurece nunca a Verdade. È preciso que conheçam o tesouro espiritual que levam é superior ao cabotinismo espetaculoso da maioria dos pseudos sábios (“A Alvorada”, abr., 1932, p. 6). [grifo do autor]

Formar sábios, investigadores intelectuais, habilitá-los ao trabalho que faz progredir a ciência, laurear diretores ou ensinantes dos demais: função doutoral, função científica, formar profissionais das chamadas carreiras livres...

Servir à ciência com toda a lealdade e com todo fervor... o investigador católico trabalha com alegria de quem está certo de que sondando os mistérios da natureza, repensam os pensamentos do Criador...

Servir à sociedade, formando os que nos postos de maiores responsabilidades, hão de assegurar-lhe a vitalidade sadia das funções mais importantes...

Firma-se assim a alta missão social das Universidades Católicas. Preparar chefes em que a vida intelectual e a vida moral se tenham compenetrado na harmonia de uma síntese equilibrada não é conquistar um dos maiores títulos de benemerência social? (palavras do P. Leonel Franca pronunciadas em 27 de março de 1946 inseridas no artigo. “A Vitória Colegial”, out., 1950, p. 11)

Ainda nos anos 1950 a Igreja opta por defender a justiça social e compromete-se com um trabalho pastoral mais intenso para assim continuar a sua evangelização, agora em uma sociedade mais complexa e marcada pelas influências seja do comunismo seja das religiões protestantes e espíritas, cada vez mais atuantes no meio social brasileiro (Mainwaring, p. 52).

“A Vitória Colegial” incorpora essa idéia, convidando seus leitores, à altura de sua posição social, a conhecerem essa nova realidade atravessada pelas diferenças tanto sociais quanto culturais.

Ao ressaltar que o mundo não se restringia ao estilo de vida do grupo de alunos do Colégio Santo Inácio, o artigo “Apostolado da cruzada”, publicado em maio de 1950, procura descrever a visita de um grupo de alunos do colégio à Rua Cinco, “um lugar afastado e perdido sobre um monte na Gávea”⁴, para a sua “missãozinha entre os pobres”: “dar catequese e distribuir presentes”.

Além dessa experiência, a capa da “A Vitória Colegial” – cinco alunos do colégio olhando às páginas de um atlas - , de novembro de 1951, reforça que o envolvimento dos alunos com essa questão encontrava-se no âmbito do assistencialismo:

⁴ Hoje, provavelmente, a Rocinha, uma das maiores favelas da cidade.

Depois de ter trabalhado, generosamente, pelas **Missões**, os alunos do Santo Inácio podem percorrer, ao menos no Atlas, as regiões aonde chegarão os auxílios angariados na Campanha Missionária, e de onde lhes vem, pelos lábios de milhares de Missionários e de milhões de catecúmenos, um reconhecido DEUS LHE PAGUE! (contracapa). [negrito e maiúsculas, do próprio texto]

Temas da atualidade como o petróleo, a corrida ao espaço, o socialismo e o espiritismo também compunham os artigos da revista. Emblemático é o que trata sobre o divórcio numa clara demonstração de que a revista não poderia ficar “alheia” a essa discussão.

A partir de 1958, ano em que se inicia a discussão sobre a transferência da capital para o cerrado goiano, a revista começa a publicar uma série de artigos - “Arquitetura e urbanismo” - com o propósito de também se incluir nesse debate nacional. Com uma linguagem técnica, dirigiam-se aos futuros arquitetos e engenheiros do colégio, com o objetivo de tornar claros os princípios tanto arquitetônicos quanto urbanísticos que envolviam a construção de Brasília.

“Passeio à Brasília”, ainda de 1958, reafirma o ineditismo da revista: antes da própria inauguração da cidade um aluno do colégio já a tinha visitado e podido contar em primeira mão as suas impressões sobre este importante acontecimento para o país. Revela, inclusive, como veremos, posteriormente, um estilo de vida que se caracterizava pela convivência muito próxima do poder, aspecto que conferia aos alunos do colégio a distinção necessária para se posicionarem enquanto um grupo de alunos aparte dos demais grupos de alunos:

No dia primeiro de junho fui com papai em uma excursão, promovida pelo Instituto Brasileiro de Aeronáutica, conhecer a futura capital do Brasil. Partimos de manhã cedo num avião especial do Loide Aéreo Nacional, um “Curtiss-Commander.”

Depois voltamos para o aeroporto... Papai queria que eu tirasse uma fotografia ao lado do Presidente Juscelino, mas como ele estava demorando muito, o piloto achou melhor voltarmos logo (jul, 1958, p. 9).

Estes exemplos comprovam que a revista ao mesmo tempo em que procurava criar uma imagem moderna e em sintonia com os acontecimentos da época também estaria optando por antecipar a discussão de alguns assuntos como uma forma de manter o controle sobre a discussão.

3- Um estilo de vida inaciano

Compreender os comportamentos e valores produzidos pela “A Vitória Colegial”, implica, de antemão, situar o próprio lugar social onde é produzida para que se possa ter-se condições de entender as estratégias que a transformam em um impresso que, ao reforçar a crença produzida pela escola de que seus alunos compõem um grupo privilegiado diferente dos demais grupos de alunos, cria naqueles a própria crença na superioridade de suas qualidades morais e intelectuais.

3.1. Um colégio com história

Toda escola é boa. Mas como o Santo Inácio, só outro Santo Inácio. Porque no Santo Inácio não só se estuda, como em outra escola qualquer, como também se obtêm uma formação moral e espiritual (aluno do admissão, “A Vitória Colegial”, mai, 1957, p. 7).

Vinha de um colégio pequeno e quando vi aqueles corredores, o pátio interno, aqueles andares de colunas, dois enormes campos e futebol, duas quadras cimentadas de basquetebol, depois os recreios, o cinema às terças-feiras, a piscina e excelente professores, fiquei escandalizado (aluno, “A Vitória Colegial”, mar/abr, 1958, p. 4).

Esses depoimentos revelam um pouco do colégio que, ao longo de sua trajetória, construiu uma imagem (Almeida, 1999) de prestígio que, década após década, tem se perpetuado na mente daqueles que por ele transitam.

O Colégio Santo Inácio pertence ao grupo de escolas jesuítas, cuja ordem religiosa encontra-se no Brasil desde 1567, ano em que por meio da catequese fundam o Colégio dos Jesuítas, tendo o padre Manoel da Nóbrega como seu primeiro reitor. São expulsos do Brasil em 1759, retornam em 1814, mas apenas em 1900, no Flamengo, é que se funda uma pequena escola primária, onde se ensinava música e se preparava para a primeira comunhão.

Em 1903, os padres se mudam para Botafogo, assim como o Flamengo, um bairro da zona sul. No número 132, mais tarde, o 226 da Rua São Clemente, local das mansões dos barões de café ao final do século XIX e início do século XX, começa a funcionar o Externato Santo Inácio. No ano de 1943, passa a se chamar Colégio Santo Inácio e em 1956 é criado o Curso Primário.

Em 2003, em sessão solene pelo centenário do colégio, na Sala Cecília Meireles, tradicional espaço de música erudita do Rio de Janeiro, o reitor, em seu discurso faz a seguinte afirmação:

Qual o segredo, o mistério dessa casa que no decorrer dos anos foi se transformando em um santuário? Em meio a tantas mudanças, um fio condutor perpassa o tempo e o espaço com a mesma energia dos primeiros momentos. Santo Inácio e os jesuítas, através da Ratio Studiorum, queriam que seus colégios formassem a juventude para o sucesso, para a realização pessoal, sem deixar de levá-los a refletir sobre o sentido da vida.

Sua modernidade retoma do passado a tradição de seriedade, empenho e eficiência organizacional na busca da excelência acadêmica.

Por isso, ao comemorar estes 100 nos, queremos expressar nossos sentimentos de alegria pelo que esta escola representa na história do Rio de Janeiro (Colégio Santo Inácio 1903-2003: uma história que começou com o primeiro colégio carioca, 2004, p.44)

O questionamento a respeito do segredo e o mistério do colégio encontram-se nas palavras do próprio texto acima: história, tradição, Ratio Studiorum, excelência acadêmica e mudança. Aliás, sua excelência acadêmica é garantida pela sua própria história que se confunde com a história da cidade, cujos fundadores, padre Manoel da Nóbrega e Anchieta, são os mesmos do Colégio Jesuíta, base do Colégio Santo Inácio.

Entretanto, se a sua história é a prova legítima de que o Colégio Santo Inácio pertence a mais pura linhagem dos colégios de padre que desde os tempos da colônia continuam formando a nossa elite nacional, não se pode esquecer que ele também quer construir a imagem (Almeida, 1999) de um colégio conectado ao futuro, pois reconhece que a mudança e a inovação são pré-requisitos importantes que garantem a reprodução de sua posição privilegiada no interior do grupo das escolas dominantes do Rio de Janeiro. Ou seja, o colégio procura manter a sua excelência acadêmica por meio da combinação entre passado e futuro, tradição e modernidade e conservação e mudança.

Sem embargo, esta fórmula se encontra presente na “A Vitória Colegial” dos anos 1950, numa prova de que o **modus operandi** acima descrito também é a marca da revista. Suas estratégias tanto editoriais quanto discursivas descritas a seguir confirmam esse procedimento.

3.2. Uma revista de alunos

Primeiro lugar na categoria de Revista Secundária oficial na segunda Exposição Brasileira de Publicações Estudantis, realizado em julho de 1955, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a “A Vitória Colegial” transforma-se em um rico manancial de análise sobre o sucesso escolar de alunos pertencentes a famílias de frações dominantes cariocas. Constitui-se em uma obra de auto-referência que tinha como objetivo, consciente ou não, reforçar a crença já produzida anteriormente pela escola de que seus alunos compunham um grupo privilegiado de alunos que, ao folhearem as suas páginas, como em um espelho invertido, reconheceriam a sua imagem de sucesso estampada na revista.

Suas edições são regulares e sem interrupção. A periodicidade conserva certa ordem e o impresso permanece no cenário escolar por um longo período de duração. Editada desde a década de 1940 por alunos do Curso Secundário da escola, mantém uma publicação mensal, com uma média de seis, sete ou oito revistas anuais.

Impressa em uma gráfica da cidade, mede 21cmx15cm, contém em torno de trinta e cinco páginas e encontra-se recheada de fotografias do colégio, dos santos, da cidade e, principalmente, dos alunos.

As capas possuem apenas uma fotografia e abaixo o nome da revista. Na contracapa, novamente, o nome do impresso ao alto, abaixo o dizer “Periódico dos alunos do Colégio Santo Inácio”, o endereço da escola, o diretor e o vice-diretor responsáveis – padres -, o ano, o mês, o número da edição, o sumário e, curiosamente, uma explicação sobre a foto da capa⁵.

Apesar dos alunos comporem o grupo mais relevante da revista, de modo equidistante também é composta pelo grupo da direção que “supervisiona” a sua elaboração. Enquanto representantes desses grupos, alguns alunos e direção aparecem com seus nomes nas revistas, denunciando a existência de um forte processo de individuação na revista.

Os nomes dos padres diretores na capa, dos autores dos artigos, dos melhores alunos e dos que passaram para a universidade, com sua foto e média nos quadros de honra do impresso e dos alunos na contracapa, em uma nota explicativa sobre a sua foto na capa, é a demonstração clara desse tipo de procedimento, cuja eficácia produz naqueles que lá não se encontram um sentimento de frustração:

⁵ Vale a pena mencionar a de agosto de 1952: “O aluno Luiz Fernando G. em seu veleiro, com a paisagem sempre nova da Guanabara.”

Gosto muito da revista “A Vitória”... Só não gosto da “Vitória” porque nela nunca saiu a minha fotografia. Já tirei duas vezes! Uma com o meu time de futebol dominical, outra com minha turma (p. 4, jun., 1957).

3.3 As razões da distinção

“A Vitória Colegial” por meio de uma série de operações minúsculas, aparentemente insignificantes, produz um conjunto de crenças que contribui para que seus autores/leitores se auto-percebam enquanto um grupo de alunos que se encontra em uma posição superior em relação aos demais grupos de alunos. Baseia-se na explicitação de certos valores e de um gosto que procura estabelecer certas diferenças por meio de um ato de distinção que desconsidera aquilo que não se encontra em acordo com o seu senso estético. Conforme palavras de Bourdieu (2007):

O senso de distinção, disposição adquirida, movida pela necessidade obscura do instinto, afirma-se não tanto nos manifestos e nas manifestações positivas da certeza em si, mas nas inúmeras escolhas estilísticas ou temáticas que, tendo como princípio a preocupação em *marcar a diferença*, excluem todas as formas (consideradas em determinado momento como) inferiores da atividade intelectual (ou artística)... (p. 460)

A aversão pelo gosto fácil (p. 448) pode ser constatada por meio do artigo “O teatro”, de junho de 1950, escrito por Oscar Carvalho, aluno do clássico:

Por que tal abandono de Molière e Shakespeare? Estará o povo indiferente à arte? Infelizmente sim, estamos numa era de indiferentismo e superficialidade.

O próprio teatro da Revistas está decadente, porque seus espetáculos são fracos, desprovidos de senso artístico e – o pior – de senso moral, povoados de obscenidades e de baixa ironia (p. 6).

Ao fazer esta crítica, o aluno se encontra em dia com as discussões acerca dos rumos do nosso teatro nos anos 1950 que, naquele momento, procura estabelecer as diferenças entre teatro e espetáculo, arte e não arte (Velloso, 1991, p.128). “A Vitória Colegial” juntamente com a Academia Literária do colégio, entre um e outro escolhem o primeiro.

A utilização da palavra “vitória” no nome do impresso reforça ainda mais a idéia de que compõem um grupo restrito, já que o sucesso é para poucos. Conforme o Dicionário Aurélio, seus autores/leitores estariam fadados ao “triunfo” e ao “êxito brilhante em qualquer campo de ação” seja em suas vidas escolar ou familiar.

Esse “triunfo” que circunda a vida desses alunos e que emana das páginas do impresso ocorre de modo paralelo à construção da crença de que tudo que acontece no colégio se reveste de grande importância, acima de qualquer expectativa. A reportagem de 1955, “O maior espetáculo da terra”, para descrever um simples jogo de futebol entre o admissão e o terceiro científico, a opinião de um aluno, publicada em 1956, “o Santo Inácio é um dos melhores colégios do mundo”, e o discurso do professor Manoel Couto, paraninfo da turma de 1950, transcrito para a revista confirmam essa hipótese. Este último demonstra, ainda, a fé na relevância das vidas daqueles que lá estudaram e que desde os tempos da colônia tem abrilhantado a nossa sociedade:

Tenho a certeza de que os ex-alunos deste Colégio continuarão a ser inacianos...

Que belos exemplos nos têm dado os homens da Companhia de Jesus e quanto a civilização brasileira lhes deve, desde os tempos em que éramos apenas colônia! (abr, 1950, p. 3).

Este tipo de sentimento, onde tudo é superlativo, procura reafirmar a idéia de que para o Colégio Santo Inácio cumprir com o seu augúrio, isto é, encontrar-se sempre entre o grupo das escolas mais prestigiadas da cidade, seus alunos e ex-alunos teriam que situar-se nas posições mais elevadas do meio social – escolar, esportivo, profissional e cultural, por exemplo – que por ventura transitassem. “Ex-alunos do Colégio Santo Inácio Oficiais Gerais”, “Um aluno do Santo Inácio visita Formosa a convite do governo chinês” e “Conquistado por um ex-aluno do Santo Inácio o primeiro Prêmio Mundial de Piano” são exemplos emblemáticos desse tipo de estratégia que tem a função de reafirmar um estilo de vida marcado pela vitória:

Ricardo Joppert, que tem 16 anos de idade e que fala chinês, fluentemente, ganhou, há poucos meses, um prêmio na TV-Tupi respondendo sobre a história da China. Impressionado com os conhecimentos do candidato ao “Céu é o Limite”, o Embaixador da China Nacionalista no Brasil entregou ao talentoso rapaz um convite de seu Governo para visitar Formosa.

Ricardo conheceu pessoalmente o Vice-Presidente Chen Cheng, da China Nacionalista; o General Chang Ching Kuo, filho do General Chiang Kai-Shek e o Ministro do Exterior (p.6).

Foi um brasileiro, e cearense de Aracati, quem conquistou o honrosíssimo primeiro prêmio nas provas de execução de piano, na categoria reservada aos homens no disputado Concurso Internacional de Execução Musical realizado em Genebra, Suíça. Trata-se de Jacques Klein, o mesmo jovem que no ano passado alcançou o segundo lugar no Concurso Internacional de Munich, entre 62 candidatos de vários países.

Jacques **estudou no Colégio Santo Inácio**, e um dia pretendeu estudar Direito, chegando mesmo a fazer a metade do primeiro ano da Faculdade de Direito da Universidade Católica. Mas, ao que parece, descobriu o erro em tempo (transcrito do “O Jornal” para “A Vitória Colegial”, p. 14). [negrito do autor]

Esta estratégia de formação para o sucesso e para a ocupação das funções dirigentes do país também pressupõe que a revista sistematicamente promova certos questionamentos – “Se eu fosse Presidente da República” – para familiarizar seus leitores com esta própria possibilidade.

Além disso, esse “treino” objetiva impor-lhes certos padrões classificatórios que permite se auto-perceberem enquanto um grupo dominante no interior da divisão de classes (Bourdieu, 2007, p. 436). Essa ação pedagógica, entretanto, apenas reforça algo que os alunos na prática já vivenciam em seu no próprio meio familiar na medida em que sua moradia - mais de 70/% moram em Copacabana⁶, bairro, nos anos 1950, onde residiam políticos de renome, ex-presidentes e intelectuais – reproduz a divisão espacial das classes, lhes conferindo desde o nascimento um sentimento de pertencimento aos grupos dominantes, conforme o artigo publicado na edição de julho de 1957:

General Craveiro Lopes e Snr. Café Filho, colhidos pela objetiva de nosso aluno, Antonio Luis Accioly, da segunda série ginásial.

Sua Excia., o Snr Presidente de Portugal, vai ao apartamento do Snr. Café Filho, em visita de caráter íntimo. Entrada proibida a todos os repórteres e fotógrafos. Mas no mesmo edifício mora o nosso Antônio Luiz, que se mete na comitiva, empunhando a má

⁶ Informação que consta no artigo “Comissão de Construção da Piscina” de 1953.

quina – é uma criança, talvez nem saiba usar a máquina - e deixaram-no passar. E aqui temos esta fotografia, exclusiva para a “Vitória”, num verdadeiro *furo* de reportagem. (p. 26). [itálico do próprio texto]

Portanto, a proximidade do poder permite que esse grupo de alunos desde cedo se acostume com sua relação de exceção (Charlot e Pinçon, 2003, p. 27) com quem justamente se encontra na esfera do poder. Essa sensação de sentir-se parte de um grupo restrito da sociedade também pode ser constatada quando a Academia Literária do colégio aspira reativar-se e convida para a sua primeira reunião, Manuel Bandeira, membro da Academia Brasileira de Letras, ou, ainda, na ocasião em que o impresso publica um artigo sobre a Pontifícia Universidade Católica e um outro sobre as qualidades de um engenheiro e , respectivamente, tem como seus autores os próprios Secretário Geral da Universidade Católica e o Diretor da Escola Politécnica da mesma universidade. Consequentemente, o aluno que visita Formosa só poderia ser recebido pelo seu Vice-Presidente, já que o próprio Presidente se encontrava acamado.

Um outro aspecto presente na revista e que identifica seus autores/leitores enquanto um grupo restrito de alunos é o seu cosmopolitismo (p. 18). São abundantes os artigos que descrevem as viagens dos alunos pelas capitais do país, Europa, Estados Unidos ou América Latina seja de navio ou avião:

Meu pai prometeu-me, se passasse de ano, que mamãe e eu iríamos a Lisboa. Embarcamos numa companhia de aviões já minha conhecida, a British South American Airways, no dia 2 de janeiro deste ano (“Minha viagem a Portugal”, mai., 1952, p. 13).

Passamos, minha família e eu, as últimas férias de verão nos EE.UU...Seguimos de carro para Nova York, onde passamos os restantes seis dias, antes da partida do “Brasil”, um transatlântico de mais de 750 passageiros, deslocando trinta e três mil toneladas.

Fizemos excelente viagem, com paradas em Cuba, Haiti, e Trinidad, e animadíssimo cruzamento do Equador (“Minha viagem aos Estados Unidos”, mai., 1957, p. 5).

Ricardo Joppert aproveitou à viagem a China Nacionalista para visitar, em companhia de sua mãe, o Japão, Hong-Kong, Bangkok e a Itália. Seu pai foi encontrar-se com ele em Roma, de lá regressando à família num aparelho da Panair (“Um aluno do Santo Inácio visita Formosa”, mai., 1958, p. 7).

Uma última estratégia do impresso a ser ressaltada no que tange a produção de uma elite estudantil refere-se às permanentes ligações que a revista estabelece entre seus leitores e a universidade, sugerindo-os que este seria o seu caminho natural a ser trilhado. “O Santo Inácio nas Universidades”, anualmente publicado com o nome dos aprovados, o curso que escolheram e universidade para onde vão continuar seus estudos, “Semana de orientação profissional” que trata de “assuntos relacionados com seis diversas atividades” – medicina, agronomia, carreira das armas, engenharia, direito e o sacerdócio – e os artigos “A vocação de médico”, “Você quer ser engenheiro?”, “Para os futuros advogados”, “Passeio dos menores à Universidade Rural” procuram mostrar a existência de uma proximidade entre o colégio e os meios acadêmicos através da construção de uma idéia de continuidade entre esses dois espaços sociais (Almeida, 1999, p. 106).

Tendo como inspiração os artigos acima, quando os menores são convidados a escrever na revista acerca de seu futuro em “Quero ser...”, publicado em outubro de 1952, afirmam:

Médico, isto me cheira bem, mas é muito arriscado, pois, se eu pegar todas as doenças estarei frito. Poderia ser arquiteto, mas nem sei direito o que quer dizer isto (p. 3).

Poderei ser advogado para salvar gente de encrencas, ou engenheiro para fazer grandes edifícios (p.3).

Emblemático é o artigo de 1956, sobre a inauguração do Curso Primário do colégio. Ressalta que suas “excelentes” instalações se encontram no mesmo prédio que originariamente serviu de sede para a Universidade Católica que nasceu no Colégio Santo Inácio. Desse modo, as salas de aula, pátio e corredores por onde os menores transitarão já se encontram marcados por uma história que antecipadamente os conecta a universidade.

Esta prática em esquadrihar um perfil de aluno que se auto-perceba enquanto um aluno em potencial dos melhores cursos das universidades dominantes do distrito federal fica ainda mais notório através do artigo “Colégios e Universidades da Companhia de Jesus”, de 1954, cuja função é reforçar a excelência de seus estabelecimentos educacionais através de sua presença secular em vários países.

Nesse caso, o diploma do Colégio Santo Inácio, ao validar a entrada de seus alunos às melhores universidades, garante-lhes a sua distinção e ao mesmo tempo os transformam em continuadores dessa tradição já comprovada pelas gerações anteriores.

Portanto, “A Vitória Colegial” funcionaria como um veículo de alunos que, cientes de sua posição de herdeiros de uma linhagem de escolas dominantes no cenário educacional nacional e mesmo mundial, buscam disseminar essa crença aos seus leitores, transmitindo em seus artigos determinado estilo de vida que necessita ser perpetuado pelas novas gerações (Charlot e Pinçon, 2003, p. 12). E nada melhor do que as palavras do ex-aluno Satyro de Oliveira, em “Recordações Inacianas” que, ao ingressar na Faculdade de Direito, deixa registrado na revista seu depoimento:

As magníficas aulas, ministradas pelos preclaros professores do selecionado corpo docente do Colégio Santo Inácio, serão de grande utilidade para nós, bem como os conselhos ponderados dos ilustres continuadores de Anchieta e Nóbrega, lídimos construtores da civilização brasileira, alicerçada no amor à Pátria e à Religião (agosto, 1950, p. 1).

Considerações finais

Os expedientes descritos demonstram que quanto mais fortes e estruturantes forem os mecanismos de reprodução, maior será a chance de não serem percebidos e, conseqüentemente, maior a tendência de que sejam experimentados enquanto algo positivo e inquestionável (Charlot e Pinçon, 2003, p. 16). Aos leitores da “A Vitória Colegial” só lhes restaria compartilhar com o *ethos* por ela produzido, já que o estilo de ser dela oriundo é o estilo próprio desse grupo de alunos, seus autores e leitores, que apenas conhece e reconhece esse modo de existir.

“A Vitória Colegial”, desse modo, mostra que a escolarização das elites das escolas católicas implica mais do que a simples instrução; pressupõe um trabalho educacional amplo que tem como base a formação intelectual, cultural e espiritual. Esta, por sua vez, é alcançada a partir da interiorização de certos comportamentos e atitudes que se expressam segundo uma autodisciplina tanto da mente quanto do espírito que pode ser entendida como uma das formas de assegurar de modo eficaz a posição social que já lhes foi anteriormente garantida pelo nascimento (p. 20).

Desse modo, se o fracasso se encontra fora do repertório dos artigos publicados, “Explicação de um fracasso”, de 1952, detecta em poucas palavras as razões de uma possível repetência: “distração!” e “falta de estudo”, nada que um simples esforço pessoal não resolva, já que as pré-condições para o sucesso já estão dadas.

Referências Bibliográficas

A Vitória Colegial. Rio de Janeiro: Editora Carioca, exemplares de 1950 -1959.

A Alvorada. Rio de Janeiro: Colégio de São Bento, 1932

ALMEIDA, Ana M. F. *A Escola dos Dirigentes Paulistas*. 1999. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BOMENY, H. Utopias da cidade. In: GOMES, A. C. (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991, p.144-161.

BOURDIEU, P. *A distinção*.. São Paulo: Edusp, 2007.

----- . A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria A. e CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 39-64.

----- *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

BRANDÃO, Z. et al. A circularidade virtuosa: investigação sobre duas escolas no Rio de Janeiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 747-758, 2005.

BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

BURKE, P. *Sociologia e História*.. Porto: Ed. Afrontamento, 1980.

CHARLOT, Monique P. e Pinçon M. A socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, Ana M. F e NOGEIRA, Maria A. *A escolarização das elites: Um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 11-28.

Colégio Santo Inácio 1903 -2003: Uma história que começou com o 1º colégio carioca. Rio de Janeiro: Santo Inácio, 2004.

Echos Rio de Janeiro: Colégio São José, 1929

ELIAS, N. *Introdução à Sociologia..* Lisboa: Edições 70, 1999

----- . *A Sociedade dos Indivíduos..* Rio de Janeiro: Zahar; 1994

----- . *O Processo Civilizador*, vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GOMES, Angela C. Introdução. In: GOMES, Ângela C. (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991, p.1-8.

MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

NOGUEIRA, Maria A. trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais. Notas em vista da construção do objeto de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 3, p.89-112, 1991.

..... . Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In: ALMEIDA, Ana M. F. e NOGUEIRA, Maria A. *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: vozes, 2003, p. 49-65.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M. e COSTA, Vanda M. R. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

VELLOSO, Mônica P. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Angela, C. *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991, p. 122-143.